

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**MEL BROOKS, DEIXA-NOS EM PAZ!**  
**11 de fevereiro de 2026**

**ROBIN HOOD: PRINCE OF THIEVES / 1991**

*(Robin Hood: O Príncipe dos Ladrões)*

*Um filme de Kevin Reynolds*

*Realização:* Kevin Reynolds / *Argumento:* Pen Densham e John Watson, baseados numa história de Pen Densham / *Direção de Fotografia:* Douglas Milsome / *Montagem:* Peter Boyle / *Produção:* Pen Densham, Richard Barton Lewis, John Watson / *Coprodução:* Michael J. Kagan / *Produção Executiva:* Gary Barber, David Nicksay, James G. Robinson / *Produção Associada:* Mark Stern / *Design de Produção:* John Graysmark / *Gestão de Produção:* Michael Hartman, Malcolm J. Christopher (supervisor) / *Música:* Michael Kamen / *Casting:* Noel Davis, Ilene Starger, Jeremy Zimmerman / *Direção Artística:* Fred Carter, John Ralph, Alan Tomkins (supervisor) / *Decoração:* Peter Young / *Guarda-roupa:* John Bloomfield / *Interpretações:* Kevin Costner (Robin of Locksley), Morgan Freeman (Azeem), Mary Elizabeth Mastrantonio (Marian), Christian Slater (Will Scarlett), Alan Rickman (Sheriff of Nottingham), Geraldine McEwan (Mortianna), Michael McShane (Friar Tuck), Brian Blessed (Lord Locksley), Michael Wincott (Guy of Gisborne), Nick Brimble (Little John), Soo Drouet (Fanny), Sean Connery (King Richard) / *Cópia:* 35mm, cores, falado em inglês e legendado em português / *Duração:* 143 minutos / *Estreia Mundial:* 14 de junho de 1991, Canadá / *Estreia Nacional:* 15 de agosto de 1991 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

\*\*\*

No mais recente filme de Joachim Trier, **Affeksjonsverdi / Valor Sentimental** (2025), uma atriz americana (Elle Fanning) contratada por um realizador norueguês na reta final da vida (Stellan Skarsgaard) para encarnar a sua mãe (ou uma personagem nela inspirada) esbarra no facto de só conseguir interpretar essa personagem na língua de Shakespeare. O realizador desvaloriza, mas é a atriz, interpretada por Elle Fanning, que parece não acreditar naquilo que diz e, ao não acreditar, deixa de sentir e de se sentir plenamente “na personagem” (*in character*). Ora, muito se escreveu sobre a grosseira falta de sotaque *british* de Kevin Costner nesta sua interpretação de Robin of Locksley, talvez a mais célebre releitura da lenda de Robin Hood, depois da de Michael Curtiz, **The Adventures of Robin Hood** (1938), eternizada pela presença acrobática e elegante de Errol Flynn. Costner é completamente diferente e, à época, mesmo antes do filme estrear, várias flechas foram lançadas em direção à sua atuação *alegadamente* preguiçosa ou, no limite, despreocupada.

Um crítico como Roger Ebert, habitualmente laudatório, chegou a escrever sobre esta interpretação de Costner o seguinte: “Costner plays Robin Hood as if he were Alan Alda.” Toda a crítica de Ebert é sintomática de uma importante reconversão ou renovação que ocorreu não só na carreira do ator como na deste filme (ou a partir dele), em 1991: agraciado nos Óscares por causa de **Dances with Wolves** (1990), e em ano de **JFK** (1991), Costner preparava-se para iniciar uma nova fase da carreira, largando os projetos artisticamente mais ambiciosos e cedendo ao clamor da multidão enamorada com o seu (alegado) charme *on screen*; o filme de Kevin Reynolds, cúmplice de Costner pelo menos desde o *road movie* **Fandango** (1985) (diz-se que Reynolds foi escolhido como “isco” para convencer o ator a aceitar o papel), foi um estrondoso sucesso comercial, um fenómeno *pop* e “de massas”, lançando o mote para sucedâneos do cinema de ação e romântico “de capa e espada” (pense-se em **First Knight** [1995] com Richard Gere, modernizando a lenda de Lancelot, ou em **The Man in the Iron Mask** [1998], com Leonardo Di Caprio na França de Luís XIV). Neste sentido, é curioso ver como **Terminator 2** ficou com o lugar do trono do filme que mais faturou no *box-office* nesse ano de 1991. Talvez se possa dizer

que, depois de Arnold Schwarzenegger, um novo tipo de herói, mais sensível, menos “musculado”, definitivamente mais “americano”, se insinuava no firmamento hollywoodesco. Curiosamente, ambos os heróis de ação sofriam, alegava certa crítica, do mesmo problema: uma espécie de inexplicável “inexpressividade”. Arnie dizia meia dúzia de tiradas telegráficas na obra-prima de James Cameron, ao passo que o Robin Hood de Costner era muito mais expressivo com o arco e flecha, ou a brandir a espada em face do terrível xerife de Nottingham, do que a liderar, por via da retórica, o seu exército de ladravazes.

Apesar ou por causa de tudo isto, Costner era o “artigo” mais apetecível e todo o filme se catapultou graças à sua presença, independentemente da falta de expressividade do ator. E nem mesmo Ebert, que detestou a sua atuação, se importou muito com o sotaque excessivamente americano (à época, houve quem observasse: “mais de LA do que britânico”). No entanto, e fazendo alguma justiça a este filme e, em especial, ao sucesso que teve junto dos espectadores de todo o mundo (nomeadamente em Portugal), a verdade é que contra a inexpressividade de Costner, contrapõe-se uma espécie de carnaval *pós-punk* montado por Alan Rickman (também muito se escreveu sobre o seu corte de cabelo, a fazer lembrar um vocalista de uma banda de *shoegaze*). Rickman era, à época, um ator em ascensão que se eternizou na história do cinema americano de ação graças à sua fulgurantíssima interpretação do vilão no também fulgurantíssimo **Die Hard** (1988) de John McTiernan: o terrorista alemão Hans Gruber.

Rickman terá tido rédea larga para interpretar *on set* o desprezível *Némesis* da história: algumas falas foram improvisadas e parece evidente que a mistura de delírio sanguinolento e desejo revanchista empresta à sua personagem uma inusitada qualidade cômica, ainda que nem por isso menos temível. Quer dizer, a improvisação de Rickman – a anos-luz da composição mais sóbria de Claude Rains, se quisermos voltar ao clássico de Curtiz que este filme orgulhosamente treslê – é uma espécie de fonte de desconcerto num filme de ação com todos os condimentos, os “ups and downs”, que faziam e fazem as delícias do grande público. E entre Costner e Rickman, claro, há Morgan Freeman, interpretando a personagem do muçulmano Azeem, o companheiro fiel de Robin, a quem deve a vida depois de uma espetacular evasão presidiária em Jerusalém, durante as Cruzadas.

Por fim, é preciso dizer que **Robin Hood: Prince of Thieves** se dá a descobrir hoje como um entretenimento puro, e despreocupado (ligeireza que, desta vez, e estou em crer, não ofenderá tanto), em que também ressalta o dinamismo da realização de Kevin Reynolds. O grande cinema de ação dos anos 80 havia sido marcado pelos “tratados de câmara” de John McTiernan e James Cameron. Ora, Kevin Reynolds, apesar de ser um modesto aprendiz de feiticeiro por comparação, não deixa de conferir dinamismo e uma fluência especial ao filme por via de cenas bem orquestradas, não só de ação, como os espetaculares “planos-seta”, mas também as românticas, com Costner e Mary Elizabeth Mastrantonio em insinuantes trocas de olhares (uma “química” que o *hit* de Bryan Adams, [*Everything I Do*] *I Do It for You*, se encarregaria de enaltecer e fazer ressoar além-filme). Ao arrepio de Ebert em 1991, apetece hoje salvar o essencial deste filme: o seu sentido despretenso de diversão, a *esquisitice* extravagante e muito livre de Rickman sublinhada pela “timidez” descontraída de Costner, esse simpático canastrão. Destaque-se ainda a moral leve do guião de Pen Densham e John Watson e, reforço, o dinamismo da câmara de Reynolds. Quanto ao resto? Não atrapalha nem enobrece.

Luís Mendonça